

Quando estudamos e discutimos sobre a Independência do Brasil, é muito comum que venha à nossa mente a imagem do Grito do Ipiranga, dado por D. Pedro I montado em um cavalo e empunhando uma espada. Ao nos apegarmos a essa construção de imagem-nário político e sociocultural brasileiro, deixamos de fora o fato de que existem outros movimentos em busca da Independência, além da participação de pessoas de diferentes condições sociais e origens étnicas nesse processo. Este jogo de (des)memórias conta com 12 pares de cartas compostas por ilustrações exclusivas de personagens e elementos relativos à Independência do Brasil. O mesmo convida crianças e adultos a conversar sobre as histórias contadas e as não contadas acerca desse importante fato histórico e também a refletir sobre atores sociais desconhecidos ou colocados à margem por um conhecimento ainda eurocêntrico,

Sobre o Jogo

Este jogo foi idealizado pela equipe do Projeto de Extensão "O Museu Nacional ocupa a Quinta: Encontros com a Comunidade", coordenado pela Seção de Assistência do Ensino do Museu Nacional - UFRJ (SAE-MN/UFRJ), e apoiado pelo Edital PROFAEX-2022/UFRJ. O material foi proposto para ser apresentado na 16ª Primavera dos Museus, promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), com o tema "Independências e museus: outros 200, outras histórias".

Idealização

Ao contrário do tradicional jogo da memória conhecido por diferentes gerações, os pares de cartas deste jogo de (des)memórias não trazem duas cartas iguais, mas sim cartas complementares. Seguindo por esse caminho, o objetivo principal do jogo é conseguir reunir todos ou o maior número de pares possíveis, a fim de conhecer as memórias que pouco ou nada sabemos sobre a Independência do Brasil. Os pares de cartas podem ser reconhecidos, inicialmente, pelas cores de fundo iguais. Mas atendo, o principal aspecto a ser observado consiste no diálogo que as duas cartas que formam um par têm entre si, justamente com seu potencial para abordar histórias que se relacionam a eventos importantes ocorridos antes e depois da Independência do Brasil.

Instruções

Links e Referências Bibliográficas

<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2021/09/maria-leopoldina-conheca-o-papel-da-imperatriz-na-independencia-do-brasil.html>

MARIA Leopoldina: conheça o papel da Imperatriz na Independência do Brasil. Revista Galileu, 6 de setembro de 2021. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2021/09/maria-leopoldina-conheca-o-papel-da-imperatriz-na-independencia-do-brasil.html>>. Acesso em: 17 de outubro de 2022.

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59953275>

HENRIQUE, Guilherme. Quem foi Maria Quitéria, mulher que se vestiu de homem para lutar na Independência do Brasil. BBC News Brasil, São Paulo, 22 de janeiro de 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59953275>>. Acesso em: 17 de outubro de 2022.

<https://riomemorias.com.br/memoria/palacio-de-sao-cristovao-ou-quinta-da-boa-vista/#:~:text=Se%20as%20paredes%20do%20Pal%C3%A1cio,ao%20processo%20de%20emancipa%C3%A7%C3%A3o%20pol%C3%ADtica>

KACOWICZ, Davi Aroeira. Palácio de São Cristóvão (Quinta da Boa Vista). Rio Memórias. Disponível em: <<https://riomemorias.com.br/memoria/palacio-de-sao-cristovao-ou-quinta-da-boa-vista/#:~:text=Se%20as%20paredes%20do%20Pal%C3%A1cio,ao%20processo%20de%20emancipa%C3%A7%C3%A3o%20pol%C3%ADtica>>. Acesso em: 17 de outubro de 2022.

<https://cliohistoriaeliteratura.com/2021/10/13/a-familia-imperial-nao-tinha-escravos/>

VIDEIRA, Juliana; BRÁULIO, Pablo. A família imperial não tinha escravos? Clio: História e Literatura. 13 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://cliohistoriaeliteratura.com/2021/10/13/a-familia-imperial-nao-tinha-escravos/>>. Acesso em: 17 de outubro de 2022.

Links e Referências Bibliográficas

<http://portal.sbpcnet.org.br/noticias/lutas-e-conflitos-no-nordeste-foram-fundamentais-no-processo-de-independencia-do-brasil/>

BUENO, Chris. Lutas e conflitos no Nordeste foram fundamentais no processo de Independência do Brasil. SBPC, 1 de agosto de 2022. Disponível em: <<http://portal.sbpcnet.org.br/noticias/lutas-e-conflitos-no-nordeste-foram-fundamentais-no-processo-de-independencia-do-brasil/>>. Acesso em: 17 de outubro de 2022.

<http://dami.museuimperial.museus.gov.br/handle/acervo/10240>

<https://www.relicarioedicoes.com/ensaios/coluna-pindorama-2/>

SILVA, Rafael Freitas da. Dia do Índio e monumento Tupinambá. Relicário, 16 de abril de 2021. Disponível em: <<https://www.relicarioedicoes.com/ensaios/coluna-pindorama-2/>>. Acesso em: 17 de outubro de 2022.

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58468215>

VEIGA, Edison. 7 de setembro: como o Dia da Independência apagou a memória da luta negra por independência e abolição. BBC News Brasil, Bled (Eslovênia), 7 de setembro de 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58468215>>. Acesso em: 17 de outubro de 2022.

<https://www.ighb.org.br/single-post/2018/07/20/Semin%C3%A1rio-debate-os-220-anos-da-Conjura%C3%A7%C3%A3o-Baiana>

SEMINÁRIO debate os 220 anos da Conjuração Baiana. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 13 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://www.ighb.org.br/single-post/2018/07/20/Semin%C3%A1rio-debate-os-220-anos-da-Conjura%C3%A7%C3%A3o-Baiana>>. Acesso em 18 de outubro de 2022.

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45428722>

Links e Referências Bibliográficas

VEIGA, Edison. Dia da Independência do Brasil: A longa viagem de Dom Pedro 1º que culminou no Grito do Ipiranga. BBC News Brasil, Milão, 6 de setembro de 2018 atualizado em 7 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45428722>>. Acesso em: 18 de outubro de 2022.

<https://bicentenario2022.com.br/povos-indigenas-e-a-independencia/>

COSTA, João Paulo Peixoto. Povos indígenas e a independência. Bicentário 2022. Disponível em: <<https://bicentenario2022.com.br/povos-indigenas-e-a-independencia/>>. Acesso em: 18 de outubro de 2022.

<https://www.bbc.com/portuguese/geral-58444046>

SANTOS, Felipe. 7 de Setembro: a elite que 'tupinizou' o próprio nome pela Independência. BBC News Brasil, São Paulo, 6 de setembro de 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-58444046>>. Acesso em: 18 de outubro de 2022.

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62353785>

SILVEIRA, Evanildo da. Quem foi Maria Felipa, a escravizada liberta que combateu marinheiros portugueses e incendiou navios. BBC News Brasil, Vera Cruz (RS), 6 de agosto de 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62353785>>. Acesso em: 18 de outubro de 2022.

<https://www.bbc.com/portuguese/geral-60428893>

VEIGA, Edison. Joana Angélica, a mártir católica que é considerada heroína da Independência. BBC News Brasil, Bled (Eslovênia), 19 de fevereiro de 2022. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-60428893>>. Acesso em: 18 de outubro de 2022.

JOGO DAS

desmemórias

DA INDEPENDÊNCIA BRASILEIRA

GUIA DE USO

Créditos

Coordenação

Andréa F. Costa (SAE - MN/UFRJ)
Sheila Boas (SAE - MN/UFRJ)

Pesquisa e Edição

Elisama Oliveira
Laura Souza
Rodrigo Salimado.

Ilustrações

Manoel Magalhães

Design Gráfico

Rodrigo Salimado

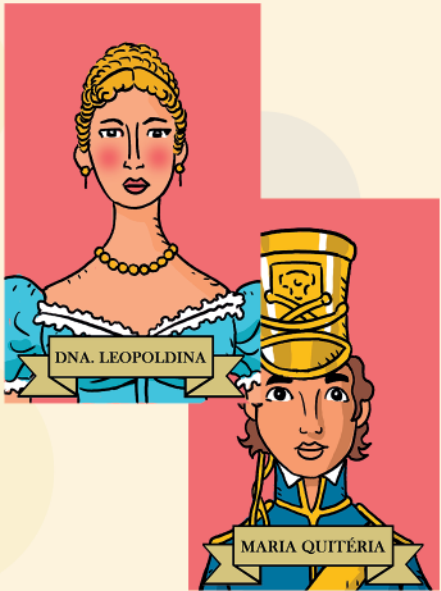
Agradecimentos

Beatriz Milanez
Fernanda Monteiro
Mathheus Simões
Nádia Santos
Pró-Reitoria de Extensão - PR5/UFRJ



PALÁCIO DE SÃO CRISTÓVÃO E SENZALAS DA QUINTA DA BOA VISTA

Se anteriormente falamos da ação feminina e de personagens históricos pouco conhecidos, agora precisamos lembrar que esses personagens circulavam em locais também históricos e repletos de memórias. O Palácio da Quinta da Boa Vista já foi a residência da família real portuguesa e imperial brasileira. Localizado na Quinta da Boa Vista, o espaço já presenciou eventos importantes, dentre eles a Sessão do Conselho de Estado, em 2 de setembro de 1822, com as contribuições da Imperatriz Leopoldina e José Bonifácio. Porém, neste mesmo espaço e momento em que se discutava sobre a liberdade e igualdade do povo brasileiro, sabemos que nem todos podiam recebê-la. No espaço ao redor do palácio, haviam senzalas que abrigavam os “escravos da nação”, que pertenciam ao Estado brasileiro e faziam serviços diversos, sendo em sua maioria trazidos da Fazenda de Santa Cruz.



LEOPOLDINA E MARIA QUITÉRIA

As mulheres tiveram papel de relevância no processo de Independência do Brasil. A Imperatriz Leopoldina, por exemplo, foi uma importante articuladora política deste evento histórico. No dia 2 de setembro de 1822 ela presidiu a Sessão do Conselho de Estado, no Paço de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, atual Museu Nacional, na qual se decidiu recomendar a D. Pedro I separasse o Brasil de Portugal. Em outra parte do país, mais especificamente na Bahia, a jovem Maria Quitéria participou ativamente, entre outubro de 1822 e julho de 1823, de batalhas realizadas pela Independência em seu estado. Ela foi a primeira mulher a entrar no Exército Brasileiro e o fez disfarçada de homem, sob a alcunha de Soldado Medeiros. Seu papel foi reconhecido em vida, tendo sido Maria Quitéria condecorada pessoalmente por D. Pedro I, no Rio de Janeiro, com a Imperial Ordem do Cruzeiro do Sul. Por sua bravura em combate, ela também recebeu até o fim de sua vida uma pensão militar.



MARIA FELIPA E JOANA ANGÉLICA

Como já vimos nas cartas anteriores, a atuação das mulheres como protagonistas na construção de uma Independência brasileira é pouco falada e conhecida. Maria Felipa, outra mulher que nasceu e viveu na Bahia, era uma moça negra e ex-escravizada liberta. Ela foi responsável por um grupo diverso de mais de 40 mulheres e homens que vigiavam a região de uma praia na ilha de Itaparica diariamente. Seu grupo carregava tochas para quando chegasse o exército inimigo, tendo como propósito a luta pela libertação da dominação portuguesa. Outra mulher que foi e é marcante para a narrativa da Independência se trata de Joana Angélica, de Salvador, também no Estado da Bahia. Joana Angélica se tornou uma mártir católica ao proteger o convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa do ataque de tropas portuguesas.

ROTA IMPERIAL E FAZENDA REAL DE SANTA CRUZ

A Rota Imperial (ou Caminho Imperial), que tem seu início no espaço conhecido como Alameda das Sapucaias, localizada na Quinta da Boa Vista, serviu como o trajeto para o deslocamento da família imperial para a residência em Santa Cruz. A Fazenda Real de Santa Cruz era a casa de veraneio deles e também teve uma grande importância por ter sido o local em que o príncipe regente do Brasil, D. Pedro I, e José Bonifácio se reuniram para a construção de bases para a Independência do Brasil.



JOGO DAS
Memórias

DA INDEPENDÊNCIA
BRASILEIRA

CARTAS E SEUS PARES



JOSE BONIFACIO E JEAN-JAQUES DESSALINES

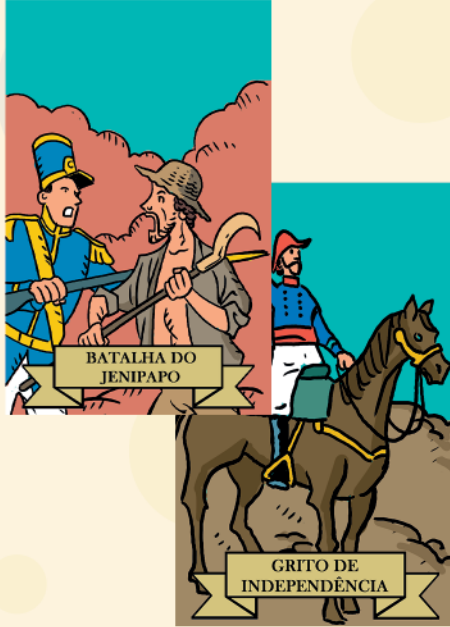
Conhecido como o "Padrão da Independência", José Bonifácio é uma das figuras mais lembradas quando o assunto é a independência brasileira. Conselheiro político da família imperial, homem repleto de ideias, autoridade científica relevante e tutor de d. Pedro II, Bonifácio pensava o projeto de emancipação política do país junto de sua elite política em uma curta, mas impactante carreira política, na qual sua atuação marcou a história e a trajetória de nosso país. Ao contrário de José Bonifácio e outros que se encarregaram da emancipação das nações americanas, Jean-Jacques Dessalines era um ex-escrivão que se uniu e liderou as tropas revolucionárias de um dos maiores e mais complexos episódios da história moderna: a revolução do Haiti. Dessalines não fazia parte das elites políticas coloniais, mas junto dos escravizados negros da colônia francesa de São Domingos, decidiram que a liberdade e igualdade eram direitos que também deviam experimentar. Sendo assim, em agosto de 1791, iniciaram uma insurreição formada e chefiada por escravizados. A reflexão que duas figuras tão diferentes nos causam é a de como ideias liberais e igualdade não deveriam ser exclusivos de um pequeno e reduzido grupo como as elites coloniais ou de líderes intelectuais, pois também tinham de pertencer a personagens pouco famosos, deixados no anonimato.

BÁRBARA ELIODORA E BÁRBARA DE ALENCAR



Antes do famoso 7 de Setembro, ocorreram outros movimentos que desejavam a separação do Brasil de Portugal e que contaram, novamente, com a influência de mulheres. Em Minas Gerais, na articulação da Inconfidência Mineira, reprimida a partir de 1789, a poetisa Bárbara Heliódora apoiou e se relacionou firmemente com os ideais do movimento, sendo uma voz importante para que seu marido, o também poeta Alvarenga Peixoto, não desistisse da insurreição. Com relação à Bárbara de Alencar, que era comerciante e avó do escritor José de Alencar, temos outro exemplo de participação feminina em um movimento separatista. Alencar foi uma importante personagem de um insurreição ocorrida no Ceará em 1917, que levou à proclamação da República do Crato, uma extensão da Revolução Pernambucana. Sem apoio de outros lugares, a iniciativa acabou sendo vencida pelo exército português. Conhecida como uma mulher forte e importante no sertão, bem como defensora dos ideais abolicionistas, era considerada inimiga da monarquia e uma opositora perigosa. Sofreu com pena de prisão e é considerada a primeira presa política do país. Em 1824, participaria da Confederação do Equador, revolta decorrente do fechamento da Assembleia Constituinte Brasileira por D. Pedro I. 10. Rota Imperial e Fazenda Real de Santa Cruz

GRITO DA INDEPENDÊNCIA (DOM PEDRO I) E A BATALHA DO JENIPAPO



INDÍGENAS (MULTICULTURALIDADE E ACULTURADOS) E HOMENS BRANCOS "TUPINIZADOS"



Para conseguir a tão desejada separação de Portugal, vários homens brancos representaram a elite colonial brasileira "tupinizaram" seus nomes e sobrenomes a fim de afirmar uma brasilidade que se apropriou da figura do indígena. Um desses homens foi o barão Francisco Gomes Brando, o visconde de Jequitinhonha, que foi um importante representante da classe dos advogados. Essa "tupinização" dos nomes, cabe destacar, também ignora a diversidade dos povos indígenas, além de romantizar sua identidade (na arte e na literatura, por exemplo) e desconstruir suas verdadeiras culturas.

A frase "Independência ou Morte" tornou-se um dos mais importantes símbolos nacionais. Ela faz referência ao episódio ocorrido às margens do Rio Ipiranga, na cidade de São Paulo, em 7 de setembro de 1822. Sua representação mais renomada é o quadro monumental do acervo do Museu Paulista (USP) intitulado "Independência ou Morte". Essa pintura histórica foi realizada por Pedro Américo em 1888. Porém, de maneira oposta à narrativa oficial presente nos livros e nas representações artísticas, a Independência do Brasil foi um processo longo, complexo e nada pacífico. As lutas pela independência foram marcadas por revoltas locais e conflitos separatistas, sendo umas dessas insurreições a Batalha do Jenipapo, entendido como um dos combates mais intensos e sangrentos do período. De forma sucinta, esse conflito ocorreu em março de 1823, na província do Piauí, que era controlada pelo governador português João José da Cunha Fidié, cuja missão era manter o norte da então ex-colônia fiel à Coroa Portuguesa. Algumas cidades como Parnaíba e Oeiras demonstraram adesão ao projeto da independência e, na tentativa de reprimir tal movimento, major Fidié é surpreendido pelo grande número de seus adversários. No fim, os insurgentes enfrentaram, mesmo com armas inferiores, soldados muito mais equipados e preparados, mas obrigaram as tropas lusitanas a recuarem, dominando assim a província.



CONSTITUIÇÃO DE 1824 E FOLHETO "LAMENTOS DE HUMA BAIANA"

Após a proclamação da independência e da aclamação de D. Pedro I como imperador do Brasil, o próximo passo era a organização política e administrativa do império. A Constituição Brasileira de 1824 foi a primeira Carta Magna brasileira, que garantia, entre outras coisas, a unidade territorial, a autonomia da nação e o estabelecimento de quatro poderes: Executivo, Legislativo, Judiciário e Moderador. A Constituição definia juridicamente aqueles que eram considerados cidadãos, ou seja, a quem ficavam assegurados os direitos civis e políticos. No mesmo contexto independente, Urânia Valério, menina baiana de treze anos de idade, transformou seus lamentos em versos no folheto "Lamentos de huma baiana", devido ao contraste entre os documentos reais e somente pacificamente unificada, mas destaca as participações e discussões políticas que aconteciam pelas ruas, em especial, nos muros, portas e paredes da capital baiana que, ao amanhecer, parecia repleta de panfletos colados, símbolo do papel essencial da participação política dos cidadãos comuns e de grande circulação. Mais uma vez, aprendemos que a história da independência não contava somente com os grandes episódios e grandiosos personagens, mas contava com o cotidiano popular, suas indignações e sofrimentos.

BANDEIRA NACIONAL E BANDEIRA DOS INCONFIDENTES



Você já se perguntou a origem das cores e dos elementos de uma bandeira e o que - ou quem eles representam? A bandeira nacional de 1822, de autoria do francês Jean Baptiste Debret, refletia os valores do Brasil Imperial. O verde é a cor da Casa dos Bragança, família de Dom Pedro I, já o amarelo é uma homenagem às origens da Imperatriz Leopoldina, descendente da dinastia Habsburgo, da Áustria. O azul e o branco representam as cores oficiais do local que originou Portugal, o Condado Portucale. Os ramos de café e tabaco fazem referência aos dois principais elementos econômicos da época e que estão presentes, inclusive, nos portões de entrada do palácio de São Cristóvão, antiga morada da família imperial. Em paralelo, temos a Bandeira dos Inconfidentes, que representava o lema da Inconfidência Mineira "Libertas quæ sera tamen", de origem do latim, que significa "Liberdade, ainda que tardia". É composta por um triângulo vermelho que manifesta a Santíssima Trindade, segundo sugestão de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Cabe lembrar que a Inconfidência, ocorrida em fins do século XVIII, foi uma revolta republicana e separatista que lutava pelo fim da dominação colonial portuguesa.

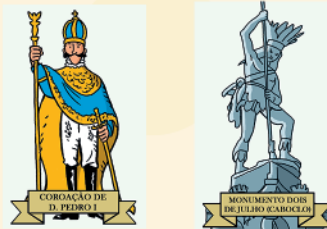


CONJURAÇÃO BAIANA E INDEPENDÊNCIA OFICIALIZADA

A Conjuração Baiana de 1798, movimento popular que aconteceu na cidade de Salvador, era composta e liderada pelos alfaiates João de Deus do Nascimento e Manuel Faustino e pelos soldados Lucas Dantas de Amorim Torres e Luiz Gonzaga das Virgens e Veiga, que lutavam pela independência política e contra o domínio portugueses. Cabe destacar que esta foi a primeira insurreição que contou, majoritariamente, com a participação de negros, sendo uma luta que, mesmo desarticulada, se trata até hoje de um legado simbólico. Nesse sentido, enquanto a história oficial reitera a independência do Brasil a partir da imagem do dia 7 de setembro de 1822, da figura de D. Pedro I e de outros personagens de uma elite branca, encontramos já na Conjuração Baiana uma tentativa anterior de separação de Portugal, bem um caráter abolicionista, que contou com a presença de figuras negras importantes no cenário político daquela época.

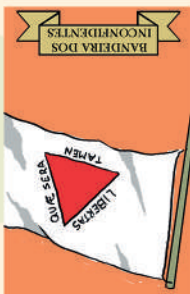
SAGRAÇÃO E COROAÇÃO DE D. PEDRO I (MANTO COM PENAS DE TUCANO) E MONUMENTO DOIS DE JULHO (CABOCLO)

Em sua aclamação como imperador do Brasil, D. Pedro I contou com um adereço particular em seu traje majestático: uma murça amarela, feita à princípio com penas de galo-da-serra (substituídas futuramente por penas de tucano), que tem produção atribuída aos indígenas Tiryó. Apesar de ter se utilizado de um objeto que trazia à memória os indígenas em um momento muito importante, sabe-se que, na realidade, os indígenas não foram reconhecidos como sujeitos no processo histórico de independência, bem como perderam muitas das posições políticas que haviam conquistado e suas próprias vidas. Por outro lado, foi erigido na cidade de Salvador o "Monumento ao Dois de Julho (Caboclo)", inaugurado em 1895. Ele tem o objetivo de representar e comemorar a participação dos indígenas na Independência na Bahia, ocorrida em 2 de julho de 1823, e que consolida a Independência do Brasil. Vale destacar, porém, que essa representação mostra a figura idealizada de indígena, deixando de lado as múltiplas culturas e identidades existentes, além de não reconhecê-los de fato como participantes dos processos históricos.



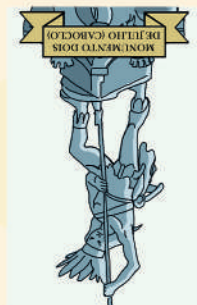
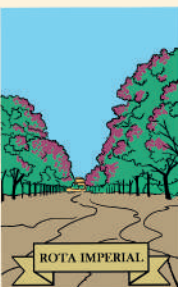
JOGO DAS MEMÓRIAS DA INDEPENDÊNCIA BRASILEIRA

CARTAS E SEUS PARES



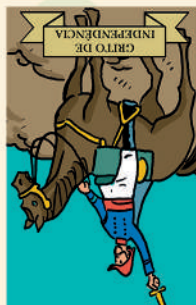
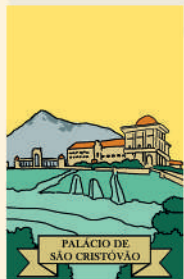
Bandeira Nacional e Bandeira dos Inconfidentes
Bárbara Alencar e Bárbara Heliodora

Leopoldina e Maria Quitéria
Rota Imperial e Fazenda Real de Santa Cruz



Indígenas e Visconde de Jequitinhonha
Coroação de D. Pedro I e Monumento 2 de Julho

Maria Felipa e Joana Angélica
Palácio de S. Cristóvão e Senzalas



Grito de Independência e Batalha do Jenipapo
"bailhana" Constituição de 1824 e Folheto "Lamentos de uma bailhana"

José Bonifácio e Jean-Jacques Dessalines



D. Pedro I e Luiz Gonzaga das Virgens

JOGO DAS
das memórias
DA INDEPENDÊNCIA
BRASILEIRA

GABARITO